

NOTA INTRODUTÓRIA

ANA ISABEL REIS, FÁBIO RIBEIRO & PEDRO PORTELA

A história recente da rádio em Portugal está praticamente por fazer. Mais de 25 anos sobre a publicação da Lei da Rádio, em 1988, e do processo de atribuição das frequências locais, em 1989, é tempo de olhar em perspetiva para o setor das rádios locais.

É indiscutível o papel destas emissoras na vida das suas comunidades, unidas pelo conceito de proximidade que vai além-fronteiras. No seu conjunto são ainda um espaço de expressão sonora multifacetado onde se reconhecem linguagens e sotaques próprios, a informação local, a música popular e regional, as vozes conhecidas de quem ali vive ou emigrou e que encontra na rádio um lugar de (re) encontros e afetos. A rádio local assume aqui uma das suas funções primordiais, a função social, a de ser o elo aglutinador de uma comunidade que usa a rádio como meio para comunicar entre si – não raras vezes a única oportunidade no seu dia para falar com outra voz e ser escutado.

As piratas, e depois da legalização as rádios locais, foram fruto de um contexto único que, por certo, não se voltará a repetir. Ambas deram voz a todo um país, democratizaram o acesso à rádio, foram influenciadas e influenciaram o rumo político. As piratas e as locais formaram uma geração de profissionais que agora já não fala ao microfone de um estúdio improvisado, mas que ainda olha para esse tempo com a mesma paixão. Hoje as rádios locais que temos já pouco têm em comum com o que se ouvia nos anos 80. O espírito inicial perdeu-se no curso da história e as locais são hoje, mais uma vez, fruto das circunstâncias em que foram criadas.

Desde a legalização que o percurso das pequenas emissoras tem sido desigual. Algumas conseguiram sobreviver financeiramente num mercado que manifestamente não estava preparado para tão

grande número de rádios, outras consolidaram-se e tornaram-se numa referência nos concelhos em que emitem, outras acabaram por fechar, outras ainda foram adquiridas por rádios ou grupos de média para retransmitirem emissões nacionais que se afastam do conceito de proximidade desde sempre atribuído à rádio local. Isto apesar de os últimos estudos nacionais e internacionais revelarem que os ouvintes de rádio, no FM e na Internet, procuram sobretudo essa ligação com o que lhes é próximo. A Internet foi apenas mais um entre os muitos desafios que se colocaram às pequenas emissoras na viragem do século.

Mais do que um contributo para a história recente da rádio em Portugal, este livro pretende também contribuir para a reflexão sobre o papel da rádio local no atual panorama radiofónico nacional. Assim, seguimos o seu percurso das primeiras estações até à atualidade.

No capítulo 1, Ana Isabel Reis faz a retrospectiva do *boom* das piratas desde a sua génese à legalização. O capítulo 2, assinado por Alberto Arons de Carvalho, é dedicado à legislação do setor desde os primeiros projetos à Lei da Rádio e ao concurso para a atribuição de frequências, assim como às alterações legislativas que determinam as regras para os operadores de radiodifusão. No capítulo 3, Elsa Costa e Silva aborda a regulação e as consequências do recente processo de concentração nos média locais. A realidade das redações é apresentada por Luís Bonixe no capítulo 4 com um estudo realizado com jornalistas das emissoras que ainda mantêm a informação local em antena. No capítulo 5, Madalena Oliveira reflete sobre o conceito de proximidade ou o 'localismo' [*localness*] e papel das rádios locais na vida das comunidades em que se inserem. A Internet e os desafios que se colocam às rádios locais no futuro são o objeto de análise de Luís António Santos no capítulo 6. E no capítulo 7, Fábio Ribeiro aborda a lacuna legal que pende sobre as rádios comunitárias e os novos projetos que neste âmbito foram nascendo na web.

Num segundo momento, este livro pretendeu conhecer as mais variadas experiências e perceções de personalidades envolvidas com o fenómeno pirata, dos anos 80 em Portugal. Neste sentido, as entrevistas realizadas analisam, com mais detalhe, alguns episódios pessoais e contextuais que convergem na ideia de um movimento de rádios piratas de norte a sul do país, em torno das mesmas problemáticas, recuperando idêntico compromisso entre comunidades ativas em torno da rádio e trabalhando pela legislação que chegaria no final dessa década. Assim, os nove entrevistados sublinham a importância das piratas para o crescimento pessoal e profissional, oferecendo um panorama diversificado de experiências: António Colaço é considerado, entre outros, um dos principais pioneiros do movimento das piratas em Portugal, tendo participado ativamente para a concretização do processo de legalização; António Macedo colaborou pontualmente com algumas piratas, como a Rádio Clube Foz do Mondego, na Figueira da Foz, e foi a voz da primeira emissão da TSF a 29 de Fevereiro de 1988; Carlos Daniel Alves, jornalista da RTP, ainda que mais conhecido nos ecrãs de televisão, começou, ainda adolescente, a fazer alguns programas desportivos e informativos na então pirata Rádio Paredes; David Pontes, atual subdiretor do Jornal de Notícias, esteve em várias rádios piratas, como a Rádio Universitária do Porto e a Rádios Caos; Francisco Amaral, que começou a trabalhar em rádio em 1970, esteve na RDP e TSF, é autor de um dos mais antigos programas de rádio portugueses – Íntima Fracção (1984) – que mantém como *podcast*; João Paulo Meneses, atual jornalista e editor *online* da TSF, esteve nas piratas Rádio Antena 105, Rádio Foz do Ave e Rádio Vila do Conde. Depois da legalização das locais fez parte da equipa fundadora da Rádio Nova do Porto; Joaquim Franco, jornalista da SIC, conta com experiências em emissoras piratas como a Rádio Regional da Amadora, a Rádio Onda Livre, a Rádio Horizonte ou a Rádio Mais; José Carlos Barreto começou em Santarém na Rádio Piranha e na Rádio O Ribatejo – ambas piratas – e é atualmente

jornalista da TSF Rádio-Notícias; José Coimbra, locutor e animador da RFM, começou na Rádio Piranha nos anos 80 em Santarém, a sua terra natal.

Este livro foi produzido no quadro do projeto de investigação “Estação NET: moldar a rádio para o ambiente web”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), por fundos estruturais COMPETE e QREN, com referência PTDC/CCI-COM/122384/2010 [www.lasics.uminho.pt/netstation] e desenvolvido por investigadores do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho.